

s factos

Revista de Politica Externa

Por motivo de muito original só agora nos é possível publicar a esplendida crónica que se vái lêr. Poderá ter passado um ou outro facto dos que nela são examinados. Mas a sua lição é sempre cheia de actualidade pelos grandes ensinamentos que contem.

1-O ERRO DO TRATADO DE VERSAILLES

O finissimo espirito, que todos os dias escreve na *Action Française* sobre politica internacional a mais apetitosa e lucida chronica que aparece em toda a imprensa franceza, Jacques Bainville, definiu n'uma justa e concisa formula o Tratado de Versailles: «*un traité trop faible pour ce qu'il a de dur.*»

Exigindo dos vencidos uma tão grande humilhação, que se assemelha a uma continua sujeição e quasi verdadeira vassalagem, pois não só lhes impõe uma fiscalisação militar absolutamente vexatoria como os força ao pagamento durante cerca de meio seculo de uma anuidade, que assim toma o aspecto de um autentico tributo, deixa-lhes no entanto nas mãos uma grande e formidavel arma—a arma, com que lhes foi possível fazer e sustentar durante quatro anos guerra contra todo o resto do Mundo coligado—a sua unidade.

A unidade alemã, o germanismo politico, a Germania-Nação, a Mittel-Europa imprimirá sempre ao Estado alemão, qualquer que seja a forma ou formula de governo adoptada, monarchica ou republicana, burguesa ou socialista, o aspecto, e a tendencia expansiva e imperialista, que não só encheu toda a epoca de Bismarck mas tem caracterizado ainda toda a politica post-bismarckiana.

A unidade alemã, a concepção da Germania, como Estado, obra maxima de Bismarck, e dos Hohenzollern foi agora definitivamente estabelecida e consagrada no tratado de Versailles pelos proprios vencedores.

O equilibrio politico do velho Mundo tor-
nou-se agora como antes de 1914 um impossivel;

engano constante, do qual a Europa despertará novamente só a impressão de uma desillusão maior e mais formidavel que a de 1914.

Como obrigar a considerar-se para sempre vencido um Estado unitario de cerca de 60 milhões de habitantes?

Como fazer com que n'ele desapareça o caracter aggressivo e absorvente, inherente á sua propria psicologia, caracteristica indelevel de um «Reich», que na guerra foi gerado e pela guerra tem vivido e para a guerra parece ter nascido?

Como obter d'ele um desarmamento voluntario para todo o sempre?

Como imaginar que a Germania prussianizada de hoje não encontrará na sua fecunda imaginação e fortissima vontade modo de vir a iludir as clausulas militares do tratado de Versailles, como outrora a Prussia iludiu as que lhe foram impostas por Napoleão?

Este foi o grande erro dos homens de Versailles.

Cegos pela miragem democratica, julgaram ser bastante democratizar a Alemanha, pô-la em republica, no desconhecimento completo da Historia, que nos mostra atravez dos tempos que quando o belicismo ou o imperialismo são substanciais aos povos, á Realza, á Monarquia, com a efectiva responsabilidade que o Monarca sente cair sobre a sua cabeça, é ainda um freio ás tendencias guerreiras do povo; e pelo contrario a democracia, sendo o instincto do povo em plena liberdade, é a corrida fatal, sem freio, á guerra vingadora, á guerra de libertação, á guerra de conquista.

Para guardar á França os fructos da Victoria, para tornar duradoura a paz europeia, Clé-

com isso, o antigo ci-
S. Tomé entendeu que
a estatua que o Rio de
ou—, a Christo-Reden-
osa e disparatada não
nario que se não os-
sa camada idealista e
isto-Cidadão, a quem
da, apertaria as mãos
boca de S. Ex.^a,— para
e ainda acreditam na
Mas que noção possui
Almeida da cortezia e
assim abusar de to-
am? Felizmente que o
ntre o Portugal cató-
riou,—e o outro Por-
que se revê e contem-
ca do senhor presi-

R CORDEIRO — Ou-
orte deste nosso que-
Recordamo-lo com
eu lugar deserto, no
ado. Adriano Xavier
s espiritos que, não
vulgares, possuía no
proceder com harmo-
proprio poder da sua
carnação do jurista
vinculação revelou-o
stolo e de realizador.
e bem vivo na nossa
assistir de perto ao
da integralista. Mas
s a dor de tanto de-
cendencia oportunis-
seu exemplo perdure,
o a bandeira do Pe-
terreno firme á re-
mada.

ntão»

mençeau e os seus colaboradores deviam ter no primeiro artigo do tratado imposto a separação das Alemanhas, celebrando depois com cada um dos varios estados alemães, de que se compunha o federal Imperio de Guilherme II, o tratado de paz mais conveniente.

Assim Versailles de 1919 teria destruido a obra que Versailles de 1871 estabeleceu, a França teria sem duvida ganho a guerra e a Paz seria por longo tempo uma realidade.

II — PALAVRAS DE FOCH

Houve contudo na França homens, que bem viram o problema e que propugnaram esta solução radical para a questão alemã.

O grupo da Monarquia integralista foi o que mais se evidenciou no combate por esta idéa.

Com os homens da *"Action Française"* estavam todos os nacionalistas francezes e com eles o proprio Foch, o vencedor da guerra.

Os jornaes francezes lembraram-nos ainda ha pouco e a proposito do testamento politico de M. Paul Deschanel as graves palavras pronunciadas pelo marechal Foch, ao sair de um Conselho de Ministros, perante o qual ele fizêra ouvir as razões que o levavam a olhar como funesta para a França a marcha das negociações, áquella hora entabuladas em Versailles com os delegados do *"Reich"*.

Porque este incidente é do maior interesse e dá bem a idéa da impotencia fundamental do regimen republicano-parlamentar para defender o Interesse Nacional, para gerar o Bem da Nação e evitar o Mal, não resistimos a narra-lo, em todos os seus interessantes detalhes, para que possa ficar arquivado nas colunas desta Revista.

Deschanel deixou escrito no seu testamento politico esta interessante passagem, que se refere ao famoso incidente:

"Je me souviens, que pendant les négociations, en avril 1919, M. le maréchal Foch vint me voir au Palais Bourbon. Il me fit part de ses craintes patriotiques au sujet de la marche des négociations et il me demanda si, le cas échéant, il pourrait être entendu par la Commission de l'armée... J'ai su depuis que le maréchal, n'ayant pas obtenu l'autorisation de parler aux mandataires qualifiés de la nation, avait demandé à être entendu par le Conseil des ministres, et que, sor-

tant de ce conseil, il avait dit ce mot si souvent répété et déformé depuis; «Nous irons tous devant la Haute-Cour.»

Estavamos nós então, de volta do C. E. P., ainda em Paris no desempenho de uma missão official, quando este facto se deu e lembramo-nos bem dos boatos varios e um tanto exagerados que a esse respeito circulavam em Paris, e sobre os quaes os jornaes guardavam um significativo silencio ou faziam prudentes reservas.

Um official francez, que fazia serviço no proprio Ministerio da Guerra, afirmou-nos ter o Marechal Foch apresentado a Clémenceau um relatório politico-militar sobre as clausulas-base do tratado de Versailles, em que se propunham com respeito á Alemanha algumas soluções politicas e militares, que o Presidente do Conselho achou violentas em demasia e inconvenientes, e que por isso regeitou, tendo o Marechal, cheio de enfado, pronunciado palavras graves e em seguida apresentado o seu pedido de demissão.

A *"Action Française"* de 15 de junho passado restabelece a verdade dos factos, que se passaram assim:

— Por volta de 6 de abril de 1919 o Marechal, que já ha muito andava inquieto, resolveu actuar. A's objecções, que havia apresentado sobre as condições do Tratado de Paz, o Presidente do Conselho respondia com um silencio e uma indiferença, que o Marechal julgava cheio de perigos para o futuro da França.

Não sabendo a quem dirigir-se, cheio de sobressaltos e sob o peso da responsabilidade de tanto sangue derramado, Foch tomou a iniciativa desesperada de passar por cima de Clémenceau e confiar as suas inquietações ao proprio Presidente da Republica.

Foi em virtude dos conselhos de Poincaré que o Marechal fez no dia seguinte, em 7 de abril, a visita a M. Paul Deschanel, presidente da Camara, a que se alude no trecho acima transcripto do testamento politico deste illustre homem de estado.

Deschanel porem, nada adiantou e apenas o aconselhou a falar tambem a esse respeito com o presidente do Senado, M. Antonin Dubost.

Da conversa tida com este ultimo resultou dois dias depois uma reunião, a que assistiram os tres presidentes, da Republica, do Senado e

da Camara, com exclusão do Presidente do Conselho e que unanimemente declararam ao Marechal:—*Nós nada, absolutamente nada podemos fazer. O que é preciso é que V. fale com os Ministros.*

Foch pediu logo em seguida para ser ouvido em Conselho de Ministros.

Lá foi com efeito levando, como sempre o que tinha que dizer escripto n'um pequeno relatório, de que entregou uma copia a cada um dos ministros.

Bom militar, sempre desconfiado dos politicos. Foch não queria ser iludido com os sorrisos amaveis mas inuteis do costume.

Nunca até agora o publico soube o exacto conteúdo da nota de Foch, o que realmente é invulgar e dá bem idéa da gravidade e importancia das suas palavras, visto a quantidade de pessoas que d'ela tiveram, nesse Conselho de Ministros, conhecimento official.

Conhece-se, no entanto, a materia sobre que versava.

Constatava o marechal que a sorte da Europa dependia apenas de quatro homens, tres dos quaes não tinham por missão defender os interesses da França e o quarto (Clémenceau) não estava talvez bem orientado sobre eles.

As disposições do Tratado não garantiam a segurança da França nem as reparações a ela devidas e, desenvolvendo este ponto, Foch apontava concretamente as insuficiencias de ordem militar e territorial, que no projecto do Tratado notava e que mais vivamente o vinham inquietando.

Um silencio profundo, o silencio apenas, acolheu as palavras do Marechal.

Clémenceau levantou-se e sem mais uma palavra disse:

— *«Os Senhores delegados podem retirar-se.»*

Estes delegados, que Clémenceau convidava secamente a que se retirassem, eram o Marechal, Jules Cambon e André Tardieu.

Como á saida Foch se entretivesse a rabisar umas notas quaesquer no seu caderno de apontamentos, Jules Cambon disse-lhe sorrindo:

— *«Vejo, Senhor Marchal, que não descuidas como sempre de tomar as vossas notas!»*

— *«E eu aconselho-vos, Senhor Jules Cam-*

bou
nós

por
da
cada

pro
cido

tod
do
XI
m
ad
m

e
A

pu
fr
cr
Im
z

n
d
o
m
v

le
f
pre
a
s

ci
ter
d

tant de ce conseil, il avait dit ce mot si souvent répété et déformé depuis: «Nous irons tous devant la Haute-Cour.»

Estavamos nós então, de volta do C. E. P., ainda em Paris no desempenho de uma missão oficial, quando este facto se deu e lembramo-nos bem dos boatos varios e um tanto exagerados que a esse respeito circulavam em Paris, e sobre os quaes os jornaes guardavam um significativo silencio ou faziam prudentes reservas.

Um official francez, que fazia serviço no proprio Ministerio da Guerra, afirmou-nos ter o Marechal Foch apresentado a Clémenceau um relatório politico-militar sobre as clausulas-base do tratado de Versailles, em que se propunham com respeito á Alemanha algumas soluções politicas e militares, que o Presidente do Conselho achou violentas em demasia e inconvenientes, e que por isso regeitou, tendo o Marechal, cheio de enfado, pronunciado palavras graves e em seguida apresentado o seu pedido de demissão.

A «*Action Française*» de 15 de junho passado restabelece a verdade dos factos, que se passaram assim:

— Por volta de 6 de abril de 1919 o Marechal, que já ha muito andava inquieto, resolveu actuar. A's objecções, que havia apresentado sobre as condições do Tratado de Paz, o Presidente do Conselho respondia com um silencio e uma indiferença, que o Marechal julgava cheio de perigos para o futuro da França.

Não sabendo a quem dirigir-se, cheio de sobresaltos e sob o peso da responsabilidade de tanto sangue derramado, Foch tomou a iniciativa desesperada de passar por cima de Clémenceau e confiar as suas inquietações ao proprio Presidente da Republica.

Foi em virtude dos conselhos de Poincaré que o Marechal fez no dia seguinte, em 7 de abril, a visita a M. Paul Deschanel, presidente da Camara, a que se alude no trecho acima transcripto do testamento politico deste illustre homem de estado.

Deschanel porem, nada adiantou e apenas o aconselhou a falar tambem a esse respeito com o residente do Senado, M. Antonin Dubost.

Da conversa tida com este ultimo resultou ois dias depois uma reunião, a que assistiram s tres presidentes, da Republica, do Senado e

da Camara, com exclusão do Presidente do Conselho e que unanimemente declararam ao Marechal:—*Nós nada, absolutamente nada podemos fazer. O que é preciso é que V. fale com os Ministros.*

Foch pediu logo em seguida para ser ouvido em Conselho de Ministros.

Lá foi com efeito levando, como sempre o que tinha que dizer escripto n'um pequeno relatório, de que entregou uma copia a cada um dos ministros.

Bom militar, sempre desconfiado dos politicos, Foch não queria ser iludido com os sorrisos amaveis mas inuteis do costume.

Nunca até agora o publico soube o exacto conteúdo da nota de Foch, o que realmente é invulgar e dá bem idéa da gravidade e importancia das suas palavras, visto a quantidade de pessoas que d'ela tiveram, nesse Conselho de Ministros, conhecimento official.

Conhece-se, no entanto, a materia sobre que versava.

Constatava o marechal que a sorte da Europa dependia apenas de quatro homens, tres dos quaes não tinham por missão defender os interesses da França e o quarto (Clémenceau) não estava talvez bem orientado sobre eles.

As disposições do Tratado não garantiam a segurança da França nem as reparações a ela devidas e, desenvolvendo este ponto, Foch apontava concretamente as insufficiencias de ordem militar e territorial, que no projecto do Tratado notava e que mais vivamente o vinham inquietando.

Um silencio profundo, o silencio apenas, acolheu as palavras do Marechal.

Clémenceau levantou-se e sem mais uma palavra disse:

— «*Os Senhores delegados podem retirar-se.*»

Estes delegados, que Clémenceau convidava secamente a que se retirassem, eram o Marechal, Jules Cambon e André Tardieu.

Como á saída Foch se entretivesse a rabis-car umas notas quaesquer no seu caderno de apontamentos, Jules Cambon disse-lhe sorrindo:

— Vejo, Senhor Marchal, que não descuidaes como sempre de tomar as vossas notas!

— E eu aconselho-vos, Senhor Jules Cam-

bou, a conservar igualmente as vossas; todos nós viremos a ter necessidade d'elas.»

E voltando-se para André Tardieu:

— *Iremos todos parar á Haute Cour, porque a França não compreenderá nunca como da victoria saiu a derrota e resultou a derrocada!*

Taes foram as exactas palavras, que Foch pronunciou na nitida comprehensão que o seu lucido espirito teve do futuro.

III — O NACIONALISMO GERMANICO

Foch não desconhece com efeito e com ele todos os patriotas francezes a força impulsiva do germanismo, que desde o começo do seculo XIX se tem vindo desenvolvendo progressivamente no espirito dos descendentes dos antigos adoradores de Odin, o deus da guerra dos germanos.

Filiado na filosofia de Fichte, propagandado e popularizado pelo germanismo ardente de Arndt, professor e auctor da celebre brochura, publicada em 1813:—«*O Reno, rio alemão e não fronteira alemã*»—, o nacionalismo alemão concretizou-se com Bismarck na obra politica do Imperio federal dos Hohenzollern; podendo dizer-se que recebeu agora a consagração e reconhecimento official do Mundo todo pelo Tratado de Versailles, que, destruindo as monarquias e os estados particulares, restos das antigas Alemanhas, lhe deu com a republica una e indivisivel a unidade e solidariedade, que lhe faltava.

Versailles de 1919 completou assim Versailles de 1871. Mas, ao mesmo tempo que assim fortaleceu o sentimento da unidade germanica, pretendeu enfraquecer territorialmente o «Reich», arrancando-lhe provincias, que os alemães julgam suas, porque nelas se fala a lingua alemã.

E os alemães, levados pelo ideal do nacionalismo racico de Fichte cantam hoje, mais intensamente ainda que hontem, os versos ardentes de Mauricio Arndt:

*«So weit die deutsche Zunge klingt
Und Gott im Himmel Lieder singt,
Das soll es sein! Das soll es sein!
Das ganze Deutschland soll es sein.»*

Fundado pelos eruditos, o nacionalismo racico gerou a teoria da «*nacionalidade in-*

consciente, sustentada por Jahn, Goerres e alimentada pela poesia inflamada de Arndt.

Em conformidade com ela, Arndt afirmava no seu—*«Para o ano de 1916»*—que «a Dinamarca não podia «existir de futuro senão como uma parte do «Reich».

Christovão Ruhs incitava já em 1817 os alemães a livrar do jugo dinamarquez os seus irmãos oprimidos.

Opressão de que as victimas se não queixam?

Não importa.

O *nacionalismo inconsciente* respondia pela boca de Jacob Grimm que «o *germanismo* sofre n'elles, sem que eles mesmos o sintam!»

«Nós sabemos o que convem aos alsacianos melhor que eles mesmos, disse também Treitschke, ... *queremos, ainda que contra sua vontade*, faze-los reentrar no seu proprio ser.»

Com um espirito destes, o chamado militarismo prussiano subsistirá sempre em monarchia como em republica, mais exaltado talvez ainda em republica, visto que foi no espirito democratico da revolução de 1848 que o *germanismo* se sublimou, e isto emquanto subsistir a unidade germanica com a cabeça da prussiana Berlim.

Por isso tem razão todos os franceses, que reclamam como base fundamental da Paz e da segurança da França a separação das Alemannas.

Ninguém pode, em boa verdade, acreditar sinceramente que uma nação de tantos milhões de habitantes, exaltados por um patriotismo inflamado, organizados em Estado, possa resignar-se ás condições humilhantes, que lhe foram impostas em Versailles.

IV—FACTOS...

Ao mesmo tempo que fortificou a unidade do Estado alemão, o Tratado de Versailles enfraqueceu a Anstria, o unico estado germanico que, Bismarck não conseguiu incorporar e subordinar á Prussia.

E' conhecida de todos a situação aflitiva da Austria sob o aspecto economico.

Assim abandonada pelas potencias da Entente, cada vez mais a Austria se sente impelida para a Alemanha, que a Finança internacional anglo-judéo-saxonica tão abertamente tem pro-

tegido na questão das indemnisações e das reparações.

O que não poudo conseguir Bismarck fahão agora os aliados? Parece que sim. Muito naturalmente as faltas da Entente em relação á Austria aproveitam á Alemanha.

Um dos chefes socialistas austriacos, Otto Bauer, propoz na reunião Federal dos Conselhos operarios em julho passado uma união monetaria com a Alemanha, fornecendo esta um capital privado de oito bilhões de marcos para a fundação de um banco emissor, independente do Estado.

O Comité Central dos Conselhos operarios votou igualmente uma resolução, pedindo que se lutasse pela união economica com a Alemanha.

Foi tambem assim pelo *Zollverein* que a obra de Bismarck começou!

Se a Entente no seu odio a tudo a que é catolico, continuar desprezando a Hungria e a Austria, se não restabelecer sob uma nova forma a antiga confederação danubiana, a Austria sentindo-se isolada, irá fatalmente cair nos braços da Alemanha. Ser-lhe-ha impossivel resistir á atração germanica.

Virtualmente, de resto, esta união está feita, desde que a dinastia dos Habsburgos foi destronada, e a Germania de Bismarck tem já nos seis milhões de habitantes da Austria, a compensação dos que perdeu na Alsacia e na Polonia.

A cegueira dos autores do Tratado está em não ter previsto coisa tão natural; a não ser que —*Quos Deus vult perdere prius dementat*— simplesmente o odio ao Catolicismo dos Habsburgos os tivesse impellido por este errado caminho.

Vitima desse odio o imperador Carlos jaz no tumulto e a Hungria e a Austria gemem na desgraça. E no entanto Guilherme II vive, sem nada ter sofrido mais que o desprestigio da derrota, num exilio dourado, onde já não pensam em ir busca-lo para o submeter ao tribunal consignado no Tratado de Versailles, para julgar os responsaveis da guerra.

Assim as influencias portestantes e judaicas, que através de Wilson e Lloyd George maquinaram esta incerta paz, que a Europa vive parece terem-se coligado para salvar a Alemanha protestante, a Alemanha socialista com pre-

juizo da catolica Austria, da christianissima, França, e em geral, da latinidade.

No entanto e sob a impulsão do *germanismo*, os povos da Alemanha, una e indivisa graças ao Tratado de Versailles reagem contra as duras consequencias, a que o Tratado os sujeitou, sem estabelecer as suficientes garantias nem as devidas sancções.

Uma nova onda de nacionalismo perpassa por toda a raça alemã, desde o Rheno aos lagos da Prussia, ameaçando trazer para breve novas perturbações á Europa e ao Mundo inteiro.

Aqueles dos seus que por calculo, prudencia, interesse ou razão pretendem apagar ou dominar esse incendio avassalador são inclementemente aniquilados.

O recente assassinato do ministro dos Estrangeiros do «Reich» recorda lamentavelmente os anteriormente perpetrados desde o fim da Guerra nas pessoas de Kurt Eisner, Liebknecht, Rosa Luxemburg e Erzberger, sucessivamente, e a eles se liga necessariamente, parecendo que ha um proposito decidido e firmemente seguido de suprimir todos os homens que se mostram partidarios de execução do tratado de Versailles e se opõem ao sonho do renascimento do Imperio bismarckiano.

Como nos tempos das lutas sagradas pela Independencia e pela Liberdade no principio do seculo XIX novo *Tugendbund* ou congener associção patriótica de caracter secreto está em acção para fazer renascer o sonho da Grande Germania.

Só os cegos o não veem.

A' primeira vista parecerá que o Tratado tirou á Alemanha todos os meios para novos empreendimentos guerreiros, desde que lhe aniquilou ou reduziu a um minimo a potencia militar.

No entanto aqueles que sabem ler no Passado e nele aprenderam como os factos se repelem não nos detalhes, é claro, mas nas suas linhas geraes e nas correntes espirituais, que, como obedecendo a leis psicologicas, constantes em cada individuo, povo ou raça, percorrem a Humanidade e fazem a Historia, não tem dificuldade em supôr que a Germania de hoje encontrará em si recursos e meios bastantes para, como nos tempos napoleonicos, despedaçar as pesadas grilhetas, que lhe lançaram aos pulsos, e

de novo ascender Poder.

Vefu a lume em francez, um inglez, de que a i se ocupou:—*Estr* fébure, nome ce sobre a guerra q

Os marecha obra a aprovação cendo-a com d farão calafrios a gentes, que os vi

Segundo F se-ha nos proce o aeroplano ser

«O aeroplano abundancia gazes «ou tornar zonas

«A guerra q stenerosos em esp

«E' por outro «do da guerra a

«a Alemanha, da «ção em grande e

«uma simples stransformar e

«Este paz, «luta e dos seus

«nuccosamente ins stenderá a desen

«que a guerra qui

Pelo seu accentuava a i para impedir t

«... nenhuma «desarmamento

«crupulos de e «esse inimigo

«nhedido de efe «Alemanha com

«bem organizada «a recepção da

«em grande quan

Que extran palavras aucto

Como pod rantes contra todas as subitis

tão das indemnisações e das repa-

poude conseguir Bismarck fa-lo-
liados? Parece que sim. Muito na-
altas da Entente em relação á Aus-
n á Alemanha.

hefes socialistas austriacos, Otto
na reunião Federal dos Conselhos
ulho passado uma união moneta-
manha, fornecendo esta um capital
bilhões de marcos para a funda-
nco emissor, independente do

Central dos Conselhos operarios
te uma resolução, pedindo que se
não economica com a Alema-

m assim pelo *Zollverein* que a
k começou!

e no seu odio a tudo a que é ca-
r desprezando a Hungria e a
estabelecer sob uma nova forma
ração danubiana, a Austria sen-
irá fatalmente cair nos braços
er-lhe-ha impossivel resistir á
ca.

e, de resto, esta união está feita,
astia dos Habsburgos foi des-
Germania de Bismarck tem já
s de habitantes da Austria, a
que perdeu na Alsacia e na Po-

os autores do Tratado está em
coisa tão natural; a não ser que
uit perdere prius dementat—
dio ao Catholicismo dos Habs-
impellido por este errado ca-

odio o imperador Carlos jaz
Hungria e a Austria gemem na
entanto Guilherme II vive, sem
mais que o desprestigio da der-
dourado, onde já não pensam
ra o submeter ao tribunal con-
o de Versailles, para julgar os
guerra.

uências portestantes e judai-
e Wilson e Lloyd George ma-
ncerta paz, que a Europa vive
oligado para salvar a Alema-
Alemanha socialista com pre-

juízo da catolica Austria, da christianissima,
França, e em geral, da latinidade.

No entanto e sob a impulsão do germanis-
mo, os povos da Alemanha, una e indivisa graças
ao Tratado de Versailles reagem contra as du-
ras consequências, a que o Tratado os sujeitou,
sem estabelecer as suficientes garantias nem as
devidas sancções.

Uma nova onda de nacionalismo perpassa
por toda a raça alemã, desde o Rheno aos lagos
da Prussia, ameaçando trazer para breve novas
perturbações á Europa e ao Mundo inteiro.

Aqueles dos seus que por calculo, pruden-
cia, interesse ou razão pretendem apagar ou
dominar esse incendio avassalador são incle-
mentemente aniquilados.

O recente assassinato do ministro dos Ex-
trangeiros do «Reich» recorda lamentavelmente
os anteriormente perpetrados desde o fim da
Guerra nas pessoas de Kurt Eisner, Liebknecht,
Rosa Luxemburg e Erzberger, sucessivamente,
e a eles se liga necessariamente, parecendo que
ha um proposito decidido e firmemente seguido
de suprimir todos os homens que se mostram
partidarios de execução do tratado de Versail-
les e se opõem ao sonho do renascimento do
Imperio bismarckiano.

Como nos tempos das lutas sagradas pela
Independencia e pela Liberdade no principio do
seculo XIX novo *Tugendbund* ou congeneres as-
sociação patriotica de caracter secreto está em
acção para fazer renascer o sonho da Grande
Germania.

Só os cegos o não veem.

A' primeira vista parecerá que o Tratado
tirou á Alemanha todos os meios para novos
empreendimentos guerreiros, desde que lhe ani-
quilou ou reduziu a um minimo a potencia mil-
itar.

No entanto aqueles que sabem ler no Pas-
sado e nele aprenderam como os factos se re-
pelem não nos detalhes, é claro, mas nas suas
linhas geraes e nas correntes espirituais, que,
como obedecendo a leis psicologicas, constantes
em cada individuo, povo ou raça, percorrem a
Humanidade e fazem a Historia, não tem difi-
culdade em supôr que a Germania de hoje en-
contrará em si recursos e meios bastantes para,
como nos tempos napoleonicos, despedaçar as
pesadas grilhetas, que lhe lançaram aos pulsos, e

de novo ascender á magestade da Força e do
Poder.

Veiu a lume ainda não ha muito, traduzido
em francez, um livro extranho publicado em
inglez, de que a imprensa franco-britanica muito
se occupou:—*Estrategia química*—do major Le-
fébure, nome celebre já pelos seus trabalhos
sobre a guerra química.

Os marechaes Foch e Wilson, deram a esta
obra a aprovação da sciencia militar, enrique-
cendo-a com dois interessantes prefacios, que
farão calafrios aos franceses patriotas e inteli-
gentes, que os vierem a ler.

Segundo Foch a Alemanha vencida lançar-
se-ha nos processos da guerra química, na qual
o aeroplano será o meio de acção normal:

«O aeroplano fornece o meio de espalhar com
abundancia gazes toxicos para atingir os exercitos
ou tornar zonas inteiras inhabitaveis.

«A guerra química produzirá assim efeitos mais
temerosos em espaços maiores.

«E' por outro lado incontestavel que esta exten-
são da guerra acha facil realisação num paiz, como
a Alemanha, dada desde o tempo de paz a fabrica-
ção em grande escala de productos químicos, que
uma simples modificação nas reacções pode
transformar em meios de guerra.

«Este paiz, vivendo dos seus antigos meios de
luta e dos seus numerosos efectivos de soldados, mi-
nuciosamente instruidos e poderosamente armados,
tende a desenvolver os novos sistemas de ataque,
que a guerra química fornece.»

Pelo seu lado o falecido marechal Wilson
acentuava a insanidade das soluções juridicas
para impedir tal especie de guerra:

«... nenhuma convenção, garantia ou tratado de
desarmamento poderá impedir um inimigo sem es-
crupulos de empregar gazes toxicos, sobretudo se
esse inimigo descobriu um dia um producto desco-
nhcido de efeitos poderosos ou se possui,—como a
Alemanha com a sua industria química prospera e
bem organizada—o meio de fabricar, imediatamente
a recepção da ordem de mobilização, taes productos
em grande quantidade».

Que extranhos e negros horizontes, estas
palavras auctorizadas nos não revelam!

Como podem em realidade tornar-se inope-
rantes contra uma Alemanha, que quer vencer
todas as subtis medidas e comissões fiscalisa-



doras imaginadas e instituídas pelo Tratado de 1919!

Reduzir-lhe os efectivos militares?

Uma inocencia. Todo o alemão é naturalmente soldado.

Impedir e instrução militar á mocidade alemã?

Ingenuidade.

A cultura sportiva dá hoje uma verdadeira instrução militar preparatori.

Impedir-lhe a fabricação de armamento?

A Alemanha voltar-se-ha, como diz Foch, e cada vez mais, para a quimica como industria belica.

Nela encontrará possibilidade de fabricar armas com o menor volume possível, sem apparencia belica absolutamente nenhuma e de um efeito destructivo até agora não sonhado, armas e meios de guerra, que as comissões de fiscalização dos aliados não podem aprender.

V — A ONDA DOS NACIONALISMOS

Parece que, como nos meados do seculo XIX, estamos assistindo a nova irrupção do espirito nacionalista nas nações da Europa.

E' decerto um producto da grande conflagração, que acaba de agitar o Mundo, talqualmente succedeu apoz a desordem dos tempos napoleonicos.

De novo, depois das batalhas, as nações entraram em si, concentrando-se, parece, para adquirir forças para novos empreendimentos.

A Italia volta de novo a ser o teatro de um nacionalismo exaltado e agora organizado á parte do Poder central sob o nome romano de **fascismo**. Ganhrou Fiume para a Italia contra o Tratado de Versailles, contra o mesmo governo de Roma e ainda diariamente se chocam em combates de ruas na defeza da unidade—Patria-Nação, contra os exterministas partidarios da Internacional.

Na Irlanda o *sinn-fein* não desiste atravez de tudo na conquista por todos os meios de uma Irlanda livre e independente.

Por todos os meios.

Sabe morrer, como o lord mayor de Cork, quando é preciso; mata, quando se torna necessario fazer desaparecer um inimigo.

Meias medidas não os satisfazem, meia liberdade não os contenta. Ou tudo ou nada.

A Irlanda deve ser absolutamente livre, dizem, absolutamente senhora dos seus destinos.

Na Alemanha o nacionalismo organiza-se para a guerra da révanche, enquanto vae suprimindo aqueles que se lhe opõem.

Empurrado para a Asia e desapossado de Constantinopla o Governo nacionalista de Angora encontrou ainda forças e energias bastantes para fazer resuscitar a Turquia do tumulo em que já jazia, para a vida politica e até para a gloria das batalhas na luta pela integridade da Turquia Asiatica.

Por seu lado os gregos não descansam no sonho de fazer reviver a grande Grecia das antigas épocas com dominio incontestado sobre todo o Egeu.

Sob Venizelos ou sob Constantino, a obra a realizar é a mesma, identico o sonho nacionalista, que por varios caminhos lhe tem impellido o braço.

Na França o movimento nacionalista atinge talvez o maximo de prestigio na já poderosa organização da *«Action Française»*, cujas doutrinas de nacionalismo integral são defendidas por um grupo de homens cheios do genio da acção, servida por um grande talento.

Que admira pois que exerçam irresistivel atracção não só nos meios da mocidade das Faculdades, onde contam numerosas adesões, como entre os patriotas sinceros, descrentes cada vez mais do regimen parlamentar?

Nenhum outro grupo politico defende com mais calor, energia e clarividencia, os interesses da França.

Tudo o que cheire a Berlim e a Moscou tem nelas um inimigo irreconciliavel.

Em julho ultimo reuniu o seu 9.º Congresso e pelos relatos que dele lemos pudemos avaliar o incremento assombroso que o nacionalismo francês tem tomado, sobretudo depois da guerra e parece que á medida que se vão mostrando inoperantes ou prejudiciaes os paragrafos da Paz de Versailles e tratados subsequentes.

Precisava bem a França de um agrupamento politico, onde o seu interesse fosse a todo o transe defendido em toda a pureza e integridade.

Desde Versailles que a pobre França, vencedora na guerra, tem vindo a ser vencida sucessivamente nas varias batalhas da Paz que em

NAÇÃO PORTUGUESA

volta das mesas das conferencias se tem vindo a travar.

De cada uma dessas Conferencias a França parece ter saído menor e mais vencida.

Os receios de Foch eram bem fundados, como fundadas as profeticas palavras, que de principio foram tidas como exageros de fanaticos, dos homens da *«Action Française»*.

Em Washington, em Boulogne, em Cannes, em Genova, na Haya, em Londres, nas multiplices conferencias que á Paz de Versailles se tem seguido, tem ficado bem patente e demonstrado á evidencia a impossibilidade dos governos liberaes e democraticos da Europa darem ao Mundo uma paz definitiva e duradoura.

A obsessão da democracia e do radicalismo, o odio virulento a tudo o que é *nacional e romano* ha de continuar a leva-los pelo plano inclinado, por onde desde Versailles tem vindo a rolar até cair lá em baixo, no abismo, onde campeia a desordem no espiritual e a guerra no temporal.

VI — PORTUGAL

Tambem cá o movimento nacionalista creou raizes e tem actuado com exito na vida da Nação, tanto na ordem espiritual e intelectual como na esfera da actividade social e politica.

N'este campo de acção o nacionalismo português, concretizado no movimento Integralista toma um aspecto especial, diferenciando-se dos movimentos congeneres, em que o seu fim é mais e ainda um *fin interior*; impondo-se reorganizar a Nação, fazendo-a reentrar na Tradição e libertando-a da tirania dos partidos politicos, que o regimen parlamentar produziu e a que se deve attribuir todo o mal-estar que sentem as nações de regimen parlamentar ou democraticamente organizadas.

Deixando porem este assunto para quem nesta Revista mais propriamente se ocupe da Politica interna lancemos os nossos olhos para as relações exteriores de Portugal.

Por um lado, serios perigos tem vindo ameaçando a integridade do nosso imperio colonial; por outro, um conjunto de circunstancias felizes e a iniciativa arrojada de dois portugueses tem contribuido para prestigiar o nome de Portugal.

Foram rotas as negociações para um novo

convenio entre Moçambique e a França.

Evidentemente eram excoções do general Smuts, Chana, querendo impôr-nos coções, que representaria um nio em territorio portugu

A exigencia de uma m comissão ferro-viaria, em tração dos caminhos de fques é realmente de uma plica pelo espirito imper Sul-Africana está complretudo depois da guerrgiar maus dias para o minio em Lourenço Mar

A verdade é que, sen saída do Transvaal para xará a União de o fita sos.

Bem fizeram os de romper as negociações, bases apresentadas pelo mas melhor fará o Go pôr de sobreaviso, prep devidamente a estocada que o imperialismo da executar, se bem que nos tivessem nessa *continuam boas e air* Portugal e a União.

Nem tudo no entan

Do lado dos nossos Portugal ultimamente rvas de estima e boa vizin

A maneira fidalga co recebidos Gomes Teixe Antonio Sardinha e os n Lisboa-Madrid, ultimam instituição em Madrid, Conde de Santibañez de *Amigos de Portugal*, a mem publico Conde de tivos suficientes do pre em Espanha gosa o nos

Como iniciador e de amizade peninsular sonalidade do Rei de Es ocasião de se referir a e amaveis palavras.

Do lado de lá do

s medidas não os satisfazem, meia li-
não os contenta. Ou tudo ou nada.
anda deve ser absolutamente livre, di-
olutamente senhora dos seus destinos.
Alemanha o nacionalismo organiza-se
uerra da révanche, enquanto vae supri-
ueles que se lhe opõem.

urrado para a Asia e desapossado de
nopia o Governo nacionalista de Angora
ainda forças e energias bastantes para
uscitar a Turquia do tumulto em que já
a a vida politica e até para a gloria das
na luta pela integridade da Turquia

eu lado os gregos não descansam no
fazer reviver a grande Grecia das an-
as com dominio incontestado sobre
eu.

Venizelos ou sob Constantino, a obra a
a mesma, identico o sonho nacionalista,
rios caminhos lhe tem impellido o

ança o movimento nacionalista atinge
aximo de prestigio na já poderosa or-
da *"Action Française"*, cujas doutri-
nionalismo integral são defendidas por
de homens cheios do genio da acção,
um grande talento.

admira pois que exerçam irresistivel
ão só nos meios da mocidade das Fa-
onde contam numerosas adesões, como
atriotas sinceros, descrentes cada vez
gimen parlamentar?

m outro grupo politico defende com
energia e clarividencia, os interesses

o que cheire a Berlim e a Moscou tem
inimigo irreconciliavel.

ho ultimo reuniu o seu 9.º Congresso
atos que dele lemos pudemos avaliar
to assombroso que o nacionalismo
m tomado, sobretudo depois da guerra
ue á medida que se vão mostrando
ou prejudiciaes os paragrafos da
sailles e tratados subsequentes.

ava bem a França de um agrupamento
nde o seu interesse fosse a todo o
ndido em toda a pureza e integridade.
Versailles que a pobre França, ven-
guerra, tem vindo a ser vencida suces-
nas varias batalhas da Paz que em

volta das mesas das conferencias se teem vindo
a travar.

De cada uma dessas Conferencias a França
parece ter saído menor e mais vencida.

Os receios de Foch eram bem fundados,
como fundadas as profeticas palavras, que de
princípio foram tidas como exageros de fanati-
cos, dos homens da *"Action Française"*.

Em Washington, em Boulogne, em Cannes,
em Genova, na Haya, em Londres, nas multiplices
conferencias que á Paz de Versailles se teem se-
guido, tem ficado bem patente e demonstrado á
evidencia a impossibilidade dos governos liberaes
e democraticos da Europa darem ao Mundo uma
paz definitiva e duradoura.

A obsessão da democracia e do radicalismo,
o odio virulento a tudo o que é *nacional* e
romano ha de continuar a leva-los pelo plano in-
clinado, por onde desde Versailles teem vindo a
rolar até cair lá em baixo, no abismo, onde cam-
peia a desordem no espirital e a guerra no
temporal.

VI — PORTUGAL

Tambem cá o movimento nacionalista creou
raizes e tem actuado com exito na vida da Nação,
tanto na ordem espirital e intelectual como na
esfera da actividade social e politica.

N'este campo de acção o nacionalismo por-
tuguês, concretizado no movimento Integralista
toma um aspecto especial, diferenciando-se dos
movimentos congeneres, em que o seu fim é mais
e ainda um *fin interior*; impondo-se reorganizar
a Nação, fazendo-a reentrar na Tradição e liber-
tando-a da tirania dos partidos politicos, que o
regimen parlamentar produziu e a que se deve
atribuir todo o mal-estar que sentem as nações
de regimen parlamentar ou democraticamente
organizadas.

Deixando porem este assunto para quem
nesta Revista mais propriamente se ocupe da
Politica interna lancemos os nossos olhos para
as relações exteriores de Portugal.

Por um lado, serios perigos teem vindo
ameaçando a integridade do nosso imperio colo-
nial; por outro, um conjunto de circunstancias
felizes e a iniciativa arrojada de dois portugue-
ses tem contribuido para prestigiar o nome de
Portugal.

Foram rotas as negociações para um novo

convenio entre Moçambique e a união Sul-Afri-
cana.

Evidentemente eram exageradas as preten-
ções do general Smuts, Chefe da União Sul-Afri-
cana, querendo impôr-nos um regimen de rela-
ções, que representaria um verdadeiro condomi-
nio em territorio português.

A exigencia de uma maioria de inglezes na
comissão ferro-viaria, encarregada da adminis-
tração dos caminhos de ferro de Lourenço Mar-
ques é realmente de uma ousadia, que só se ex-
plica pelo espirito imperialista de que a União
Sul-Africana está completamente imbuida, so-
bretudo depois da guerra, o que nos faz presa-
giar maus dias para o futuro do nosso do-
minio em Lourenço Marques.

A verdade é que, sendo este porto a natural
saída do Transvaal para o mar, não mais dei-
xará a União de o fitar com olhos ambicio-
sos.

Bem fizeram os delegados portugueses em
romper as negociações, em vista das estranhas
bases apresentadas pelo representante da União,
mas melhor fará o Governo português em se
pôr de sobreaviso, preparando-se para receber
devidamente a estocada inevitavel, o golpe fatal,
que o imperialismo da União não deixará de
executar, se bem que os telegramas da Havas
nos tivessem nessa ocasião assegurado que
continuam boas e amigaveis as relações entre
Portugal e a União.

Nem tudo no entanto são tristezas.

Do lado dos nossos vizinhos hespanhoes tem
Portugal ultimamente recebido as maiores pro-
vas de estima e boa vizinhança.

A maneira fidalga como em Madrid foram
recebidos Gomes Teixeira, Eugenio de Castro,
Antonio Sardinha e os nossos aviadores no raid
Lisboa-Madrid, ultimamente realizado, e ainda a
instituição em Madrid, por iniciativa do nobre
Conde de Santibañez del Rio, da *Sociedade dos
Amigos de Portugal*, a que preside o illustre ho-
mem publico Conde de Romanones, são indica-
tivos suficientes do prestigio e da amizade que
em Espanha gosa o nosso paiz.

Como iniciador e propulsor desta politica
de amizade peninsular queremos destacar a per-
sonalidade do Rei de Espanha, que não perde
ocasião de se referir a Portugal com carinhosas
e amaveis palavras.

Do lado de lá do Oceano, o Brasil, nosso

irmão de lingua e de raça, vibra hoje de intenso e verdadeiro affecto por Portugal.

A travessia aerea do Atlantico, obra de sciencia e feito de heroismo, é tambem um acto de esplendida diplomacia.

Peranta ele o fenomeno do nativismo, á volta do qual se fez tanto ruido, desapareceu completamente, como por encanto, para só ficar a fraternal amizade que deve existir entre irmãos e membros da mesma grande familia portuguesa.

Prouvera a Deus que por efeito do enorme empreendimento realizado por sobre as aguas do Atlantico por dois aviadores portugueses possam o Brasil e Portugal passar do indifferntismo mutuo em que teem vivido a uma amizade

solida e real, que da esfera espiritual se prolongue para o campo das realizações praticas.

O crime de 1 de Fevereiro de 1908 impediu o saudoso e grande Rei, que foi D. Carlos, de coroar a sua obra diplomatica com a viagem ao Brasil.

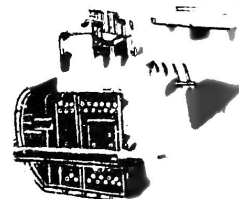
Que o actual chefe de Estado possa continuar e levar a cabo a politica luzo-brasileira, iniciada por D. Carlos e interrompida pelas lutas politicas da republica, são os nossos melhores votos.

Fará um acto verdadeiramente *nacional*.

Garcia Moreno

Toscano &

RUA DE S. PAULO,



Maquinas, Motores, Tractores, Bomb
Charruas, Ceifeiras, De
MATERIAL ESPECIAL PARA CUL
Importação d

Collegio de E

(QUINTA DA FORMIGA) — Teleph
O melhor collegio de cam
Abre a 14 de O

Situação magnifica, em pleno campo
derna. Educação da vontade pela liberdade
scientifica, artistica, desportiva e militar. Ed
Curso dos lyceus, curso commercial
Os resultados obtidos nos exames
tissimos como pode vêr-se no regulamento
Para melhores informações pedir pros.

D I
Dr. Gaspa
Dr. Antonio
Padre Arno
Dr. Franc'